

# **O MÉTODO DE PESQUISA CARTOGRÁFICA COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO PARA EDUCADORES-PESQUISADORES**

**Roger Fabiano Pacheco Alves**<sup>1</sup>

**Márcio André Rodrigues Martins**<sup>2</sup>

## **Resumo:**

O presente trabalho analisa as características, peculiaridades e possibilidades do método de pesquisa cartográfica como estratégia de formação de professores que sejam educados para e na pesquisa. Tecemos algumas relações importantes sobre o papel dos diferentes modos de atenção e como eles repercutem decisivamente na qualidade da pesquisa, permitindo ao professor-pesquisador mergulhar nos diferentes processos que aparecem ao longo do seu cotidiano escolar, explorando situações aparentemente irrelevantes, a fim de encontrar nelas pistas que apontem para a emergência de novos significados e que indiquem possibilidades de aprofundamento e de pesquisa. O objetivo deste trabalho é dar divulgação a este poderoso método de formação de pesquisadores, mostrando possibilidades e caminhos para a pesquisa dentro da sala de aula.

**Palavras-chave:** Cartografia, metodologia não-linear, pensamento complexo

**Modalidade de Participação:** Pesquisador

# **O MÉTODO DE PESQUISA CARTOGRÁFICA COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO PARA EDUCADORES-PESQUISADORES**

<sup>1</sup> Aluno de pós-graduação. rogeralves@unipampa.edu.br. Autor principal

<sup>2</sup> Docente. marciomartins@unipampa.edu.br. Co-autor



## **O método de pesquisa cartográfica como estratégia de formação para educadores-pesquisadores**

### **1. INTRODUÇÃO**

Muitas publicações surgiram nas últimas décadas tematizando o trabalho do professor reflexivo ou do professor pesquisador, que segundo Nóvoa (*apud* Fagundes, 2016) são basicamente como sinônimos.

A cartografia como método de pesquisa pode servir como uma excelente estratégia, não apenas para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa que o professor se proponha a realizar, mas também para a construção de posturas e modos de atenção que são imprescindíveis para constituir-se como pesquisador.

Mas o que vem a ser a cartografia? Fazendo relação com a cartografia tradicional, ou “a ciência dos mapas”, o método cartográfico se apropria dessa característica de registrar os acidentes geográficos como forma de caracterizar o encontro com o inusitado que ocorre no percurso de uma pesquisa.

*O termo “cartografia” utiliza especificidades da geografia para criar relações de diferença entre “territórios” e dar conta de um “espaço”. Assim, “Cartografia” é um termo que faz referência à ideia de “mapa”, contrapondo à topologia quantitativa, que caracteriza o terreno de forma estática e extensa, uma outra de cunho dinâmico, que procura capturar intensidades, ou seja, disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorrias no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebedor no mundo cartografado. (FONSECA e KIRST, 2003, p.92).*

Para compreender a cartografia, recorremos a Passos e Barros (2014, p.17):

*A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa.*

Kastrup salienta que o método cartográfico visa sempre investigar um processo de produção ao invés de meramente representar um objeto, o que exige do aprendiz de cartógrafo uma forma de atenção que não seleciona previamente o que pretende encontrar. Se não fosse assim, ele não seria capaz de impregnar-se o suficiente com a experiência.

*Informações, saberes e expectativas precisam ser deixados na porta de entrada, e o cartógrafo deve pautar-se sobretudo numa atenção sensível, para que possa, enfim, encontrar o que não conhecia, embora já estivesse ali, como virtualidade. (KASTRUP, 2015, pp. 48-49)*

Segundo Costa (2014, p. 70):

*(...) o que se percebe na cartografia é que o pesquisador-cartógrafo vai constituindo seus passos estando no próprio campo (...). O pesquisador-cartógrafo não sabe, de antemão, o que irá lhe atravessar, quais serão os encontros que irá ter e no que estes mesmos encontros poderão acarretar. O cartógrafo, de certa forma, é um amante dos acasos, ele está disponível aos acasos que o seu campo lhe oferece, aos encontros imprevisíveis que se farão no decorrer do caminho.*

Cabe destacar que o método cartográfico não possui uma linearidade prescrita, que se propõe a um fim determinado.

*(...) a atenção do cartógrafo acessa elementos processuais provenientes do território – matérias fluidas, forças tendenciais, linhas em movimento – bem como fragmentos dispersos nos circuitos folheados da memória. Tudo isto entra na composição de cartografias, onde o conhecimento que se produz não resulta da representação de uma realidade preexistente. Mas também não se trata de uma posição relativista, pautada em interpretações subjetivas, realizadas do ponto de vista do pesquisador. (KASTRUP, op. cit. p.41)*

A não-existência de um método cartográfico formal não implica em mero improviso, mas sim em transformar o próprio caminho em método. Morin faz uma reflexão extremamente pertinente sobre os percursos complexos e auto-organizativos:

*Longe da improvisação, mas também buscando a verdade, o método como caminho que se experimenta seguir é um método que se dissolve no caminhar. Isso explica a atualidade e o valor dos versos de Antonio Machado, que sempre nos acompanha e nos dá força: “Caminante no hay camino, se hace camino al andar” (...)*

*(...) se existe um método, este só poderá nascer durante a pesquisa; talvez no final poderá ser formulado, e até em alguns casos formalizar-se. Como tantos outros já afirmaram: “o*

*método vem no final” (Nietzsche), “chamamos caminhos os nossos titubeios” (Kafka). (MORIN, 2003, pp.17-18)*

Kastrup destaca que, no desenvolvimento do fazer cartográfico, é necessário utilizar-se de uma forma específica de atenção, que denomina atenção flutuante, a qual sobrevoa de forma indiferenciada todo o território presente, à espreita de algum elemento onde pousar.

*(...) praticar a cartografia envolve uma habilidade para lidar com metas em variação contínua. Em realidade, entra-se em campo sem conhecer o alvo a ser perseguido; ele surgirá de modo mais ou menos imprevisível, sem que saibamos bem de onde. Para o cartógrafo, o importante é a localização de pistas, de signos de processualidade. Rastrear é também acompanhar mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo. O rastreio não se identifica a uma busca de informação. A atenção do cartógrafo é, em princípio, aberta e sem foco, e a concentração se explica por uma sintonia fina com o problema. (KASTRUP, op.cit, p. 40)*

O objetivo do presente trabalho é fazer a divulgação científica desse método de pesquisa, mostrando suas possibilidades e potencialidades dentro da formação do professor pesquisador.

## **2. METODOLOGIA**

Em agosto de 2017 se formou um grupo de pesquisa sobre cartografia com os orientandos do prof. Dr. Márcio André Rodrigues Martins dentro do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências. O objetivo desse grupo é explorar o método cartográfico e analisar suas possibilidades de aplicação como estratégia dentro dos trabalhos de pesquisa que estão sendo realizados.

O grupo está em fase de revisão bibliográfica e aprofundamento das discussões e aplicações da cartografia.

## **3. RESULTADOS e DISCUSSÃO**

Ainda que esteja em sua fase inicial, já foi possível delinear algumas questões fundamentais acerca da perspectiva que o professor-pesquisador precisa construir para poder cartografar, especialmente no que diz respeito aos modos de atenção, ou seja, da habilidade que precisa construir para operar dentro de um método que se constrói ao longo do processo.

Estes modos de atenção são descritos, em linhas gerais, por Kastrup (2015) como:

1. O modo de rastreio, que opera como uma varredura de campo, ou seja, uma atenção aberta e não dirigida em busca de determinadas pistas atencionais, ou signos de processualidade, carregados de potência em alguma direção;
2. O modo de toque é reconhecido como uma pequena sensação ou um vislumbre que aciona o modo de atenção seletiva, diferenciando algo em relação ao ambiente, no sentido de distinguir entre figura e fundo, como

nosso sentido visual opera; obviamente isso se torna possível por uma profunda concentração no problema de pesquisa, que permite construir um filtro que captura a potencialidade de alguma evidência do ambiente;

3. O modo de pouso é quando, através do modo atencional anterior, se verificou a consonância entre a pista e a potencialidade para explicar o problema de pesquisa – nesse caso, o campo atencional se fecha sobre o processo ou objeto encontrado, dando início ao último modo de atenção;
4. O reconhecimento atento é o quarto modo ou gesto atencional. Refere-se ao ato de acompanhar um processo em movimento, a fim de compreender suas relações e seu campo de domínio.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Construir um caminho estratégico sobre como trabalhar a sua própria atenção e como ela opera pode se tornar uma ferramenta fundamental para o professor-pesquisador, não só para constituir-se como tal na sua práxis mas também para compreender como os alunos produzem suas compreensões e constroem sua experiência educacional, produzindo uma circularidade em que a cartografia ao mesmo tempo é método de pesquisa, mas também é estratégia de ensino e também processo de aprendizagem.

#### **5. REFERÊNCIAS**

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ago.2014. Disponível em <[https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111/pdf\\_1](https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111/pdf_1)> acesso 21 setembro 2017.

FAGUNDES, T.B. Os conceitos de professor pesquisador e professor reflexivo: perspectivas do trabalho docente. Revista Brasileira de Educação, v. 21. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v21n65/1413-2478-rbedu-21-65-0281.pdf>> acesso em 23 setembro 2017.

FONSECA, T. M. G. & KIRST, P.G. Cartografia e devires: a construção do presente. Porto alegre: UFRGS, 2003.

MORIN, Edgar et al. Educar na era planetária. São Paulo: Cortez Editora. 2003.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (org.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.